

AUTORES, TÍTULOS E GÊNEROS: A LITERATURA DO PNAIC**ÉRICA MACHADO LEOPOLDO¹****CRISTINA MARIA ROSA²**¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – erica.macleo@gmail.com 1*²*Cristina Maria Rosa – cris.rosa.ufpel@hotmail.com***1. INTRODUÇÃO**

Na pesquisa intencionalo analisar a qualidade textual, temática e gráfica de um grupo de livros possuidores do selo “Para o uso nas salas de aula do 1º ao 3º ano” enfeixados em caixas para o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Anunciada em junho de 2013 como um “reforço” na “principal etapa da aprendizagem” a primeira remessa de obras literárias para as salas de aula foi de 75 títulos organizados em três acervos. Pensado para dar às crianças a oportunidade de “manusear, explorar, com ou sem a ajuda do professor o mundo dos livros” e oportunizar um contato com a “linguagem, a imaginação e a fantasia” peculiares desse universo da ficção (BRASIL, 2012), o acervo foi composto com obras aprovados no PNBE 2012. Para Junqueira, Silva e Ariosi (2016), os baixos índices de competência em leitura das crianças brasileiras intensificam a preocupação de diversas instâncias a respeito da promoção de leitura no Brasil. Assim, é pertinente que se busque conhecer quais são e como se podem utilizar as obras durante o período de alfabetização infantil. Mas o que é a leitura? E a leitura literária?

A leitura tem, entre intelectuais e estudiosos no mundo todo, importância ímpar. Para Manguel (1997, p. 200), “somos o que lemos” e para Todorov (2012, p. 76), a literatura pode “nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver”. Para Cândido (1995, p. 3), a literatura consiste em “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Já Zilberman (2003, p. 30) afirma que literário é o texto com qualidade estética e valor artístico, ou seja, aquela obra que, recusando cumprir uma missão pedagógica, “aponta a um conhecimento de mundo” e apresenta-se “como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional”. Ao pesquisar o tema no Brasil, Silva (2002, p. 42-43), informa que a leitura é uma “atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à vida do ser humano”. Intimamente ligada ao sucesso do “ser que aprende” a leitura possibilita “a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências” e parece ser “o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem”.

A leitura já foi considerada “uma atividade mecânica de decodificar palavras, ou de extrair sentidos que supostamente estariam prontos no texto”, de acordo com Bicalho (2014, p. 167). Acreditava-se que, para se tornar um leitor competente,

“bastava aprender a ler nos anos iniciais de escolaridade e depois o aluno já saberia ler qualquer texto”. Atividade complexa, em que o leitor “produz sentidos a partir das relações que estabelece entre as informações do texto e seus conhecimentos”, a leitura “não é apenas decodificação” e prescinde de compreensão que tornará o leitor “capaz de apreciar”, “se posicionar” e “realizar a crítica ao que é dito”. Atividade cognitiva e social, a leitura “pressupõe que, quando as pessoas leem, estão executando uma série de operações mentais” além de utilizarem “estratégias que as ajudam a ler com mais eficiência”.

Ao referir-se à formação do leitor, Zilberman (2003, p. 30) diz que a legitimidade do uso da literatura na sala de aula vem tanto “da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante a sua circunstância” quanto “do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante”. É na interação entre autor e seu leitor que a leitura realiza sua função social, pois ninguém escreve para não ser lido. Estes dois sujeitos interagem “dentro de condições muito específicas de comunicação”, pois escritor e leitor “tem seus próprios objetivos, suas expectativas e seus conhecimentos de mundo”, de acordo com Bicalho (2014). Para Paulino (2014, p. 177) há, quando da leitura, um “pacto entre leitor e texto” que “inclui, necessariamente, a dimensão imaginária, em que se destaca a linguagem como foco de atenção, pois através dela se inventam outros mundos, em que nascem seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções”. A pesquisadora argumenta que a leitura literária constitui “uma prática capaz de questionar o mundo já organizado, propondo outras direções de vida e de convivência cultural” e conclui afirmando que leitura alguma “sobrevive bem como prática cultural, quando censurada ou tolhida por autoridades do Estado, da família ou da escola”. Para Rosa (2016), “a matéria-prima do poeta é a emoção e suas ferramentas são as palavras. Como um escultor que extrai de um bloco a forma sonhada, o poeta pode transgredir as normas: da gramática, do léxico”, ofertando assim, uma variedade de possibilidades de uso de nossa língua, especialmente quando se trata da escrita literária. Em face a essas contribuições teóricas, no trabalho circunscrevo um grupo de obras literárias enfeixadas e com destino: sustentar a alfabetização no PNAIC.

2. METODOLOGIA

Tendo como foco a variedade e qualidade textual, temática e gráfica do primeiro acervo destinado ao PNAIC em 2013, no recorte apresento um grupo de livros (quinze) escolhidos aleatoriamente e sobre o qual deitei o meu primeiro olhar. Os procedimentos partiram de categorias amplas – gêneros, títulos e autores. Logo depois, ilustradores, temas, quantidade de páginas, qualidade gráfica e editorial, origem e formação dos autores e ilustradores integraram o grupo de critérios utilizados para descrevê-los. Para organizar a coleta, criei um roteiro que se constituiu dos seguintes passos: **a)** definição do acervo; **b)** leitura exploratória de cada um dos exemplares; **c)** leitura organizada a partir dos critérios de gênero literário, título, autor; **d)** organização de um quadro com as características estudadas e acréscimos de outras para um estudo mais aprofundado posteriormente; **e)** escrita das conclusões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com PAIVA (2016), as primeiras obras que compuseram os acervos para o PNAIC 2013 foram selecionadas entre as que integraram o *Programa Nacional Biblioteca da Escola Educação Infantil/Anos Iniciais do Ensino Fundamental* em 2012. Bastante diversificadas do ponto de vista temático, de gênero e formato, foram inscritas via edital e selecionadas para integrar bibliotecas de escolas públicas em todo o país. Observando o edital verifica-se que “são três as etapas da seleção: a triagem, a avaliação pedagógica e a compra das obras”, de acordo com PAIVA e COSSON (2014). A triagem refere-se à adequação da obra aos gêneros literários previstos no edital. No entanto, para os pesquisadores, “qualquer estudante de Letras percebe que a classificação dos gêneros adotada pelo MEC é inadequada, pois mistura elementos de ordem diversa em categorizações superpostas”. Concluem afirmando que “os termos são tão genéricos que pouco discriminam” e “não surpreende, portanto, que os editores se percam nessas classificações e as obras sejam inscritas quase que independentemente do disposto no edital” (PAIVA e COSSON, 2014, p. 487-488).

Ao iniciar a análise das obras percebi que há variedade de gêneros e, mesmo, gêneros híbridos (ROSA, 2016) no acervo que integra as caixas do PNAIC. Observando esta pequena amostra – quinze títulos ou 20% das obras do acervo literário PNAIC 2013 – encontrei **oito textos em prosa** (*A árvore generosa*, de Shel Silverstein; *A compoteira*, de Celso Cisto; *Feminina de menina, masculino de menino*, de Márcia Leite; *Lino*, de André Neves; *Mamãe, por que os dinossauros não vão à escola?*, de Quentin Gréban; *O livro estreito*, de Caulos; *Pedro: O menino que tinha o coração cheio de domingo*, de Bartolomeu Campos de Queirós e Vizinho; *Vizinha*, de Roger Melo). Os demais são **textos em verso**, sendo **quatro poemas** (*É tudo invenção*, de Ricardo Silvestrin, *Dezenove poemas desengonçados*, de Ricardo Azevedo, *Tem um monstro no meu jardim*, de Janaina Tokitaka e *Ode a uma estrela*, de Pablo Neruda), **duas Adivinhas** (*O que é que não é?*, de Cesar Cardozo e *Dez sacizinhos*, de Tatiana Belinky) e **um trava-língua** (*A casa das dez Furunkunfelhas*, de Lenice Gomes). O hibridismo – texto com aspecto de um gênero, mas construído em outro – ocorre, preponderantemente em *Os dez sacizinhos*. A presença de paradidatismo – uso de linguagem literária ou lúdica no trato de questões comportamentais – ocorre em *Feminina de menina, masculino de menino* e *Vizinho vizinha*. Em relação à nacionalidade, a maior parte (80%) dos autores desta amostra são brasileiros.

4. CONCLUSÕES

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa foi desenvolvido pelo MEC em parceria com governos estaduais e municipais. Teve por objetivo assegurar a alfabetização – ensinar o sistema de escrita alfabética inserindo a criança em práticas de letramento – de todas as crianças nos três primeiros anos do Ensino Fundamental. Além da formação dos professores alfabetizadores, o PNAIC enfeixou e distribuiu acervos literários às escolas e investiu na formação de mediadores da leitura deleite. Nossas conclusões iniciais indicam que, do acervo inicialmente lido e

categorizado – 15 obras – parte significativa (53, 33%) representa a linguagem narrativa: são textos em prosa ou pequenas histórias e não há, entre estes, nenhum clássico. O restante da amostra, 46,67% do total, é composta por textos em verso: poemas, adivinhas e trava-língua. Essa divisão quase ao meio é bastante interessante, indicando variedade de gêneros e/ou tipos. Outra possível conclusão, apoiada em estudos sobre os gêneros literários indica inadequação quanto à classificação adotada pelo MEC quando de seus editais. É o caso, por exemplo, da distinção genérica de texto em prosa e texto em verso (Edital do PNBE de 2012) supostamente para recobrir os gêneros do registro poético e os gêneros do registro narrativo do discurso literário ou, ainda, a divisão entre poesia e ficção. Outro exemplo é a presença de hibridismo e paradidatismo nas obras e a ausência desses “gêneros” nos editais que as selecionam. No entanto, essa “inadequação” incentiva-me a um olhar criterioso no tratamento dos demais dados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BICALHO, D. **Leitura**. Glossário CEALE. Belo Horizonte: UFMG/CEALE, 2014.
- BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Básica. Acervos complementares: alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. -- Brasília: A Secretaria, 2012. Acessado em 29 mai. 2016. Online. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- PAIVA, A. **Critérios de escolha de obras para o PNAIC**. Aparecida Paiva: inédito, Pelotas, 2016. Entrevista online concedida a Cristina Maria Rosa em 20/07/2016.
- PAIVA, A. e COSSON, R. O PNBE, a literatura e o endereçamento escolar. In: **Remate de Males**. 34.2 Campinas-SP, (34.2): pp. 477- 499, Jul./Dez. 2014.
- PAULINO, G. **Leitura literária**. Glossário CEALE. Belo Horizonte: UFMG/CEALE, 2014.
- ROSA, C. **Gêneros literários: o hibridismo**. Blog Alfabeto à Parte. Acessado em 21 jul. 2016. Online Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2016/07/generos-literarios-o-hibridismo.html>
- ROSA, C. **O que é poesia?** Blog Alfabeto à Parte. Acessado em 11 jul. 2016. Online Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2016/07/o-que-e-poesia.html>
- ROSA, C. **Paradidáticos: isso é literatura?** Blog Alfabeto à Parte. Acessado em 11 jul. 2016. Online Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2016/07/paradidaticos-isso-e-literatura.html>
- SILVA, E. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia de leitura**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SOUZA, R., SILVA, K. e ARIOSI C. A leitura e a função da literatura no PNAIC: para além do deleite. **Educação em Revista**, Marília, v.17, p. 63-80, 2016, Edição Especial.
- TODOROV, T. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2012.
- ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.